

REENCONTRO
literatura

Emily Brontë

O Morro dos Ventos Uivantes

Tradução e adaptação em português de

Vilma Arêas

Ilustrações de

Avelino Pereira Guedes



editora scipione

Responsabilidade editorial

Sâmia Rios

Edição

Cristina Carletti

Preparação

Gerson Ferracini

Revisão

M. Beatriz Pacca

Thelma Annes de Araújo

Gislene de Oliveira

Programação visual de capa

Didier D. C. Dias de Moraes

Ilustração de capa

Isabel Carballo



editora scipione

Av. das Nações Unidas, 7221
Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE
Tel.: 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br
e-mail: atendimento@aticascipione.com.br

Edição de arte

Didier D. C. Dias de Moraes

Chefia de revisão

Miriam de Carvalho Abôes

Coordenação geral de arte

Sérgio Yutaka Suwaki

2019

ISBN 978-85-262-4758-1 – AL

13.ª EDIÇÃO

16.ª impressão

CL: 734353

CAE: 220260

Impressão e acabamento

Traduzido e adaptado de *Wuthering Heights*, de Emily Brontë. Nova York: Pocket Library, 1955.



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brontë, Emily, 1818-1848.

O morro dos ventos uivantes / Emily Brontë, adaptação em português de Vilma Arêas. – São Paulo: Scipione, 1997. (Série Reencontro literatura)

1. Literatura infantojuvenil I. Arêas, Vilma. II. Título. III. Série.

96-5303

CDD - 028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

QUEM FOI EMILY BRONTË?

Nascida em Thornton, Yorkshire, no dia 30 de julho de 1818, Emily cresceu, juntamente com suas irmãs Anne, Maria, Charlotte, Elizabeth e o irmão Branwell, nas charnecas daquela parte da Inglaterra.

Seu pai, o excêntrico pastor irlandês Patrick Brontë, exerceu grande influência na formação de sua prole. Disciplinador ferrenho e moralista doentio, considerava pecaminoso o prazer mais inocente, a ponto de alimentar seus filhos à base de batatas e de queimar os sapatos de suas filhas se eles lhe parecessem por demais elegantes.

Com a morte da mãe, Maria Branwell, em 1821, a família passou aos cuidados de uma tia materna. Maria e Elizabeth, as irmãs mais velhas, morreram quatro anos mais tarde, vítimas de tuberculose, enquanto cursavam a Escola de Cowan Bridge.

Naquelas crianças, extremamente apegadas aos livros e à região onde moravam, desenvolveu-se a propensão a imaginar novos mundos, povoados de personagens apaixonados. Emily tinha oito anos quando seu pai deu a ela e aos irmãos alguns soldadinhos de madeira. Histórias fantásticas foram inventadas a partir de tão simples brinquedos; embora tenham restado poucos escritos desse tempo, neles já se revelam os dons poéticos dos pequenos Brontë, principalmente os da autora de *O Morro dos Ventos Uivantes*.

Em 1844, Emily e Charlotte seguiram para Bruxelas, capital da Bélgica, com o objetivo de aperfeiçoar seu francês, a fim de que pudessem abrir uma escola em sua própria casa. O projeto, entretanto, não as afastou da literatura: dois anos depois, as três irmãs publicaram, sob pseudônimos, um livro de poemas, do qual apenas dois exemplares foram vendidos. Como se não bastasse a fracassada estreia, os planos quanto à “Escola das Meninas Brontë para a Formação e Educação de um Número Limitado de Jovens” também naufragaram, pois nenhuma aluna chegou sequer a se matricular nela.

Perseveraram, então, em aprimorar sua arte. Emily escreveu um único romance, *O Morro dos Ventos Uivantes*, publicado em 1847, que

não teve grande repercussão, tendo sido tachado pelos críticos como uma obra "sádica". O áspero realismo do cotidiano, as sugestões simbólicas e a intensa emotividade com que ela retrata seus personagens são as principais características desse extraordinário livro que, conscientemente ou não, rompeu os limites da narrativa doméstica vitoriana, explorando novos territórios da psicologia. Além disso, *O Morro dos Ventos Uivantes* possui elementos do **romance gótico** ou **romance negro**, gênero literário nascido na Inglaterra em meados do século XVIII, que, em contraposição ao domínio da razão e do bom senso, entrevê o sublime no terror, centrando-se sobre os aspectos misteriosos da existência.

Emily Brontë adoeceu pouco tempo depois da publicação de seu livro. A recusa a qualquer tratamento levou-a a morrer em Haworth, aos 30 anos, em 19 de dezembro de 1848. Assim como sua genialidade, sua morte também foi prematura.

Capítulo 1

1801

Acabo de visitar meu senhorio, que é também meu solitário vizinho. Esta é uma região admirável. Em toda a Inglaterra não creio que haja lugar mais isolado. Aqui eu e o Sr. Heathcliff somos parceiros, dividindo a mesma solidão. Ele mal sabe o quanto me senti atraído por ele quando percebi seus olhos negros se desviarem taciturnamente, logo que cavalguei em sua direção e anunciei meu nome.

— Sou o Sr. Lockwood, seu novo inquilino, senhor. Vim o mais depressa que pude. Espero que não o tenha aborrecido com minha teimosia em arrendar a Granja dos Tordos.

— Sou o dono da Granja dos Tordos — interrompeu ele, arrogante — e ninguém me aborrece quando não quero. Entre!

Essas palavras foram ditas entre dentes, como se estivesse me mandando para o inferno. Mas decidi aceitar o convite, curioso por conhecer alguém que parecia ainda mais exageradamente reservado do que eu. Heathcliff abriu a cancela e caminhou à minha frente, chamando em voz alta:

— Joseph, cuide do cavalo do Sr. Lockwood. E traga vinho.

Joseph, o criado idoso, porém robusto, cumpriu a ordem com evidente mau humor.

O Morro dos Ventos Uivantes é o nome da casa do Sr. Heathcliff. Adequadamente o nome descreve o tumulto atmosférico a que ela fica exposta nos temporais: o vento norte sopra com violência, inclinando os abetos e espinheiros raquíticos detrás da casa. Felizmente é uma casa bastante forte, com janelas estreitas cravadas nas paredes e cantos protegidos com pedras largas e salientes.

Antes de transpor a soleira, percebi uma data, 1500, e um nome, *Hareton Earnshaw*, gravados na fachada, entre outros curiosos desenhos. Entrei. A um canto da sala de estar havia uma enorme lareira. Num imenso aparador luziam filas de pratos de estanho e jarros de prata, ao lado de bolos de aveia, pernas de vaca e de carneiro e presuntos. Em cima da lareira havia velhas pistolas. O chão era de pedra branca e lisa; a mobília, de feitio antigo. Debaixo do aparador descansava uma perdigueira rodeada de cachorritos inquietos; outros cães estavam pelos cantos.

Ora, o aposento e a mobília nada teriam de extraordinário se pertencessem a um simples lavrador, mas não ao Sr. Heathcliff. Ele é contraditório: moreno como um cigano, de aspecto taciturno, veste-se e comporta-se como um fidalgo rural; é negligente, mas elegante. Como eu, o Sr. Heathcliff deve amar e odiar discretamente, pois, pelo visto, temos ambos horror de demonstrar nossos sentimentos.

Sentei-me junto da lareira e tentei acariciar a perdigueira, que me rondava de dentes arreganhados como uma loba, mas o gesto provocou-lhe um rosnado prolongado.

— Deixe a cadela em paz — resmungou Heathcliff, dando-lhe um pontapé. — Ela não é um bichinho de estimação.

Foi até uma porta lateral e gritou:

— Joseph!

Como o criado não aparecesse, Heathcliff desceu até a adega, deixando-me entregue aos cães.

Mantive-me imóvel para não provocá-los, mas infelizmente não supus que as caretas que lhes fazia acabariam por enraivecê-los. O resultado é que se lançaram a meus joelhos. Tentei mantê-los a distância com o atizador, mas logo fui obrigado a gritar por socorro. Heathcliff e o criado não se apressaram. Felizmente, uma mulher robusta, de saia arregaçada e rosto afogueado, veio da cozinha e restabeleceu a ordem com uma frigideira em punho.

— Que diabo é isto? — perguntou Heathcliff, entrando na sala.

Resmunguei algo contra seus cães.

— Eles não atacam pessoas que não mexem em nada — replicou, colocando diante de nós uma garrafa. — Cães têm de ser vigilantes. Aceita um copo de vinho?

— Não, obrigado.

— Foi mordido?

— Se tivesse sido, isso não ficaria assim.

A dureza do semblante de Heathcliff abrandou-se num sorriso.

— Vejo que está nervoso, Sr. Lockwood. É que hóspedes são tão raros nesta casa, que eu e meus cães não sabemos como recebê-los. À sua saúde.

Retribuí o brinde, percebendo que seria idiotice zangar-me por causa de alguns animais. Além disso, não queria dar motivo de zombaria ao meu anfitrião.

Durante a conversa que se seguiu, notei que Heathcliff era um homem inteligente e manifestei a intenção de repetir a visita no dia seguinte, mesmo percebendo seu desagrado. É surpreendente como me senti sociável comparado com ele!

Capítulo 2

O ntem o dia estava frio e nebuloso. Pretendia ficar em casa, junto da lareira, mas quando subi ao escritório encontrei a criada a fazer faxina no aposento. Peguei o chapéu e caminhei quatro milhas até chegar ao Morro dos Ventos Uivantes. Começavam a cair os primeiros flocos de um turbilhão de neve.

Ali, no cimo da colina, o vento me enregelou. Bati à porta até os cães começarem a ladrar. Finalmente, o rosto azedo de Joseph apareceu numa janela do celeiro. Gritou que o senhor estava no curral e que não havia ninguém para abrir a porta, exceto a senhora, mas que esta não mexeria um dedo para atender-me.

— Por quê? Você não pode dizer quem eu sou, Joseph?

— Não tenho nada com isso.

A neve começava a cair mais densamente. Subitamente, apareceu um jovem sem paletó, com uma forquilha ao ombro, que me conduziu ao redor da casa até o aposento onde eu estivera na véspera. Ali, o fogo luzia deliciosamente na lareira e a mesa estava posta. Inclinei-me diante da senhora que ali estava, esperando que me oferecesse uma cadeira, mas ela permaneceu imóvel e calada. Tentando estabelecer uma conversa qualquer, comentei sobre o mau tempo e perguntei-lhe se tencionava distribuir a ninhada daquela terrível cadela.

— Não são meus — replicou ela, mais áspera que o próprio Heathcliff.

Quando pude observá-la melhor à luz, percebi que era belíssima: delgada, quase adolescente, feições delicadas, cabelos de ouro.

— Foi convidado para tomar chá? — perguntou, enquanto vestia um avental e colocava algumas folhas no bule.

— Gostaria de tomar uma xícara — respondi.

— Foi convidado? — repetiu. Como eu sugeri que ela o fizesse, sentou-se de cara amuada.

Enquanto isso, o rapaz me olhava como se fôssemos inimigos mortais. Não sabia se era um criado ou não: a roupa e a linguagem eram rudes, os cabelos, desgrenhados, e as mãos, crestadas como as de um lavrador.

Heathcliff entrou cinco minutos depois.

— Como vê, estou aqui, conforme prometi — exclamei, tentando um tom jovial.

Heathcliff deu de ombros, afirmando que era uma ocasião estranha para alguém passear, e que muitos moradores se perdiam em noites como aquela.

— Talvez possa me arranjar um guia — sugeri.

— Não, não posso.

Sentamo-nos à mesa para o chá. A aspereza de Heathcliff e o mutismo geral incomodaram-me. Tentando quebrar o silêncio, cometi uma série de gafes: ignorando a diferença de idades, achei que a “encantadora senhora” era esposa de Heathcliff, quando na verdade era sua nora, conforme esclareceu zombeteiramente meu anfitrião; em seguida concluí que o rústico ao nosso lado, comendo pão com as mãos sujas, era o marido da moça.

— Conjeturas infelizes — observou Heathcliff. — O marido dela está morto.

— E esse moço é...

— Meu filho é que não.

— Meu nome é Hareton Earnshaw — grunhiu o outro. — Trate de respeitá-lo.

Comecei a me sentir deslocado naquele círculo fami-

liar. O tempo continuava tempestuoso. Observei novamente que precisaria de um guia para chegar em casa. Ninguém me deu a mínima atenção, e cada um foi cuidar dos seus afazeres.

Quando todos saíram, implorei ajuda à jovem.

— Tome o caminho por onde veio — replicou, afundando-se numa poltrona.

— Se eu morrer, numa cova cheia de neve, não terá remorsos?

Retrucou-me que não havia ninguém para acompanhar-me.

— Então terei de ficar.

— Entenda-se com Heathcliff.

— Não tenho acomodações para visitantes — bradou a voz de Heathcliff, que acabava de retornar.

— Posso dormir neste aposento, numa cadeira — retruquei.

— Não, não! Um estranho é sempre um estranho, não confio em nenhum.

Irritado com o insulto, corri para fora, agarrando de passagem a lanterna de Joseph.

— Patrão, patrão, ele roubou minha lanterna — gritou o velho. Em seguida, atçou os cães contra mim.

Quando eu abria a cancela, dois monstros peludos jogaram-me ao chão, enquanto Heathcliff e Hareton rompiam em gargalhadas. Respondi-lhes com pragas, e essa situação odiosa continuaria indefinidamente, se Zillah, a criada da casa, não viesse em meu socorro.

— Pobre rapaz! Querem matá-lo? Decididamente esta casa não me serve!

Borrifou-me a cara com água gelada e levou-me para a cozinha. Deu-me aguardente, lastimou minha triste situação e conduziu-me até a cama.